

várias reportagens

ARTE

O lirismo e a tragédia de Lasar Segall

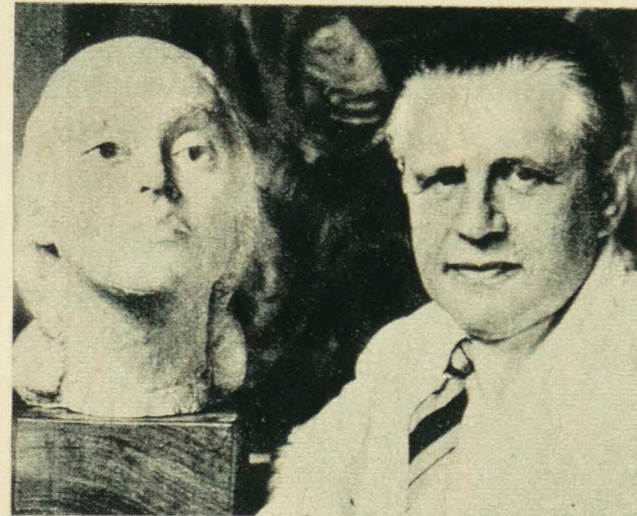
"Quando fixava as formas das criaturas humanas, eu via nelas seu destino." Lasar Segall (1891-1957)

Após as telas dos grandes revolucionários da pintura européia, Cézanne, Van Gogh, Toulouse-Lautrec, no museu de Arte de São Paulo, dispõem-se sobre uma ampla armação de madeira com pinturas do grande revolucionário da pintura brasileira em inícios deste século, o lituano Lasar Segall. Aos cem óleos reúnem-se 150 desenhos, várias gravuras e raríssimas esculturas pequenas, escuras, entremeadas de fotografias, cartas manuscritas e recordações do artista nascido em Vilna. Este maravilhoso itinerário do único pintor da sua época a ter um atelier próprio na capital paulista coloca lado a lado etapas de uma peregrinação dolorosa por meia dúzia de cidades da Europa até seu solitário monólogo de incompreendido no Brasil anterior à Semana de Arte Moderna, em 1922.

Para Monteiro Lobato, as deformações propositais do expressionismo e do cubismo eram "produtos de espíritos paranóicos". Para Pietro Maria Bardi, diretor do museu, essa exposição aberta na semana passada é importante sobretudo por revelar aos jovens um dos grandes pintores do Brasil. Cedidas pelo museu Lasar Segall, de São Paulo (criado pela viúva do artista, Jenny Klabin Segall), essas esplêndidas criações têm uma importância ainda maior e esclarecem um ponto decisivo: em Lasar Segall é que se encontram as principais diretrizes da pintura moderna. Como círculos concêntricos, destacam-se da inovação do pintor judeu a linha de temática social que Portinari trataria em termos dramáticos e de dimensão mural; os motivos populares — favelas, a zona de prostituição — que Di Cavalcanti ampliaria na pintura com sua série lírica das mulatas e do carnaval; até surpreendentemente, o abstracionismo de Volpi pode estar contido, latente, na fase final de Segall, com sua abstração geométrica da paisagem, decomposta em triângulos e retângulos pequenos, numa depuração crescente da realidade. Compondo com Chagall e Soutine o triângulo de pintores judeus que abandonaram a Rússia para aliar-se às correntes mais inovadoras, em Paris, Berlim, Munique, ele tem em comum com Chagall o tom de magia que imprime aos seres humanos e com Soutine a tragicidade dessas vidas ar-

rasadas pelas guerras, pelos pogroms (massacres de judeus na Rússia czarista) e pela emigração forçada. A carnificina, a opressão, o conflito de culturas e de regimes políticos foram a própria atmosfera de sua infância. Confinado no gueto onde o czar permitia que os judeus se amontoassem na velha cidade medieval, o menino só tem um deslumbramento naquele ambiente cinzento, de judeus tristes, forçados a descobrir a cabeça perante qualquer autoridade e relegados a profissões pouco rendosas e humildes:

É quando seu pai copia a mão os textos do "Pentateuco" com brilhantes letras hebraicas que o pequeno Lasar tenta enfeitar com cores vivas e traçados sinuosos. Em torno a Vilna está todo um mundo proibido e sonhado: o



Segall: a influência decisiva

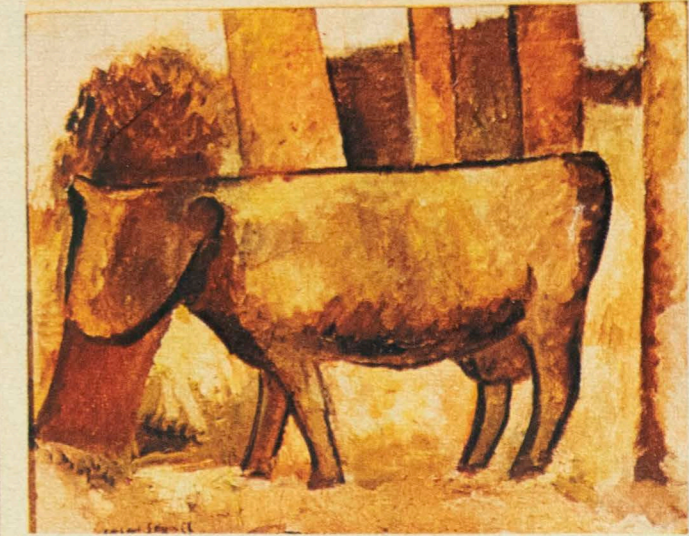
campo, símbolo da amplidão e da liberdade, com suas montanhas, vales, rios e animais que pastam sob um céu azul. Os primeiros desenhos precoces, aos sete e aos nove anos, retratam só as vielas, os prédios carcomidos de Vilna, mas já bastam para incentivar a primeira viagem de Lasar adolescente. Vilna é um meio pequeno demais, aos dezesseis anos ele parte para Paris, para aquela Europa ocidental onde existiam museus e artistas livres, mas o dinheiro só dá para chegar a Berlim. Seus quadros refletem as humilhações pessoais: na guerra de 1914 é internado como prisioneiro dos alemães em luta contra a Rússia, na Rússia dos czares escapa de massacres sangrentos nos guetos judeus, na Alemanha hitlerista seus quadros são queimados em praça pública junto com os de artistas expressionistas e cubistas na exposição denominada "Arte Degenerada". A travessia para o continente novo, e

nêlo o Brasil, é uma etapa final desse inferno coletivo: no convés os que escaparam dos fornos crematórios que se erguem em Dachau, em Auschwitz, acotovêlam-se, famintos e numa promiscuidade forçada, rumo à Terra da Promissão. O desembarque no Rio de Janeiro tem muito do ofuscamento de quem chega a um paraíso original, feito de uma luz cegante e de um choque delicioso de cores intensas e costumes exóticos: "Vi-me transportado sob a fulgência de um sol tropical cujos raios iluminavam a gente e as coisas em seus recantos mais remotos e recônditos, emprestando até ao que se encontrava na sombra uma espécie de resplandecência, pois tudo dava por sua vez a impressão de irradiar reverberações de luz". Essa afinidade com o Brasil passa a colorir suas telas de um lirismo ausente das telas anteriores. A tendência fundamental, gravada pela infância e a juventude numa Europa trágica, continua em sua versão brasileira: as prostitutas do Mangue, vasto bordel carioca, são irmãs dos deserdados da Europa, os cortiços de São Paulo parecem-se com os guetos dos judeus do Velho Mundo.

Mas surgem visões risonhas daquela palheta basicamente trágica: morros de barracões multicores, deliciosas paisagens campestres de Campos do Jordão, onde o pintor encontra um refúgio ideal. Pode-se dizer que o Brasil trouxe à sensibilidade dolorosa de Segall sua nota otimista e plácida, em que ele vê brancos, negros e casas irmanados numa luz poética e terna ao mesmo tempo. Alternando-se com essa força de um ambiente que fala de esperança e de compreensão humana, as recordações trágicas do passado em quadros como "Pogrom" ou as reverberações do presente do genocídio nazista na Europa. O pêndulo pararia, porém, numa nota menos combativa e mais puramente artística: são os quadros cada vez mais abstratos de paisagens transformadas em símbolos geométricos. Por detrás dessa depuração somam-se os rostos dos operários em greve, dos indigentes amontoados num tugúrio: as cores são soturnas, poucos amarelos e vermelhos trazem luz aos ocre e verdes de uma melancolia opressiva. Aos 66 anos de idade um enfarte interromperia essa espiral criadora que revolucionou os critérios estéticos da arte brasileira: agora era o artista que fecundava a terra roxa que o fascinara.



POGROM, SÃO PAULO 1936



VACA C DO JORDÃO 1931



MULHERES DO MANGUE, RIO 1947



PAISAGEM BRASILEIRA, RIO 1925